

CARVOEIRO

NO BRASIL, onde escasseia o carvão mineral limitado a poucas jazidas no extremo sul do país, tem sido intensa a devastação da sua riqueza florestal, utilizada, indiscriminadamente, para a produção de lenha e de carvão vegetal destinados ao consumo doméstico, às fábricas e estradas de ferro.

O carvão vegetal provém da combustão da madeira ao abrigo do contacto com o ar. Tanto são aproveitadas para sua produção as matas virgens, como as capoeiras formadas após os desflorestamentos, não havendo preocupação alguma de seleção das madeiras.

A preparação do carvão vegetal pode ser feita por dois processos: o primitivo, de carbonização da madeira em "balões" e o processo mais científico de carbonização em cilindros fechados constituídos de lâminas de ferro.

Mais generalizado, apesar de mais rudimentar e antiquado, é o primeiro deles. Aspecto comum nas regiões de exploração de carvão são os "balões", fumegantes uns, já apagados outros, nas "praças" abertas no meio da mata, onde os troncos calcinados atestam a ação destruidora do homem. A esta atividade exploradora liga-se um tipo interessante, o carvoeiro.

Diferentes tarefas na preparação do carvão vegetal exigem do carvoeiro uma atividade intensa, sem interrupção e sem descanso.

Encarregando-se de alguns alqueires da mata arrendada pelo "empreiteiro", que é o empregador, o carvoeiro munido da foice dá início ao seu trabalho fazendo a "roçada", para limpar o terreno dos pequenos arbustos.

Segue-se a "derrubada", em que ele de machado em punho com toda a energia, põe abaixo as árvores, cuja madeira será transformada em carvão. Para produzir três sacos e meio de carvão precisa, no mínimo, de 1m³ de lenha.

Dez dias após, depois de secas as folhas, pequenos arbustos e ramações, faz ele a "coivara" para limpar o terreno, pois o fogo se alastrando vai consumindo os elementos de fácil combustão. Depois de extinto, estando apenas chamuscada a madeira das árvores abatidas, o carvoeiro passa a "traçar" a lenha, isto é, a cortá-la em pequenas toras de cerca de um metro de comprimento. Deste modo, termina a preparação do combustível dos "balões".

A lenha, assim preparada, é transportada para a "praça", local já preparado a enxada e ancinho, situado geralmente no sopé de um morro ou colina. As vèzes, porém, a "praça" é preparada mesmo na encosta do morro, fazendo-se um revestimento com paus roliços ou varas, que cobertos de terra formam o terreiro apropriado. Geralmente, tem cêrca de 5 a 8 metros de circunferência.

É deveras interessante a técnica de construção dos "balões" para a queima da lenha.

Com as toras de menor tamanho o carvoeiro arma uma espécie de funil que se vai alteando até 2 metros de altura. Ao redor do funil é empilhado todo o resto da lenha em sentido vertical. Ao centro fica uma cavidade, a chaminé central, por onde é lançado o fogo para queimar a lenha.

O "balão" assim preparado é enchido com palha, fôlhas e capim sêco, com o que é também envolvido por fora. O revestimento externo do "balão" é feito com terra.

Surge assim a "carvoeira", que o caboclo no seu linguajar chama de "caieira". Está, então, pronta para receber o fogo. Vai começar a transformação da madeira em carvão, sendo o fogo introduzido pela chaminé central.

Como ventiladores o carvoeiro abre na base da "caieira", uma série de orifícios, "suspiros" ou "espias", por onde penetra o ar livre. Novos ventiladores são abertos à medida que a lenha vai sendo queimada e para isto tem que estar o carvoeiro vigilante.

A combustão leva geralmente dois a três dias e não deve ser muito rápida, o que redundaria na perda do "balão". Quando o fogo está muito violento, para abrandá-lo, o carvoeiro coloca pela chaminé pequenos tacos de lenha, as "comidas do balão", utilizando-se para isto de uma escada feita de varas.

As vèzes, para evitar o escorregamento da terra dispõe ele na parte externa do "balão", moirões verticais que sustentam outros horizontais.

Quando a fumaça de negra e espessa, a princípio, se torna azulada, já sabe o carvoeiro que a combustão está no fim. Ele, então, afoga a "caieira" e espera calmamente que os últimos restos do braseiro desapareçam.

Munido de pá, peneira e ancinho inicia o serviço de peneiragem, separando o carvão da terra da "caieira".

Em seguida tem ele que ensacar toda a sua produção. Na "praça" mesmo, ao lado da "caieira" apagada e desfeita, o carvão é ensacado.

A produção dos "balões" varia bastante: a área de 30 pés de diâmetro regula 100 sacos de carvão de capoeira e mais, quando é de mata virgem.

Geralmente o carvão é vendido aos cargueiros e tropeiros, que nas suas tropas de burros transportam-no do meio da mata para a cidade onde será vendido. As vèzes, o carvão é adquirido por intermediários que o transportam em caminhão.

Outras vèzes, ainda, são os próprios carvoeiros que partindo de madrugada de seus sítios vão à cidade vender o produto de seu trabalho. Muitos carvoeiros trabalham por conta própria, sendo que outros trabalham para "empreiteiros".

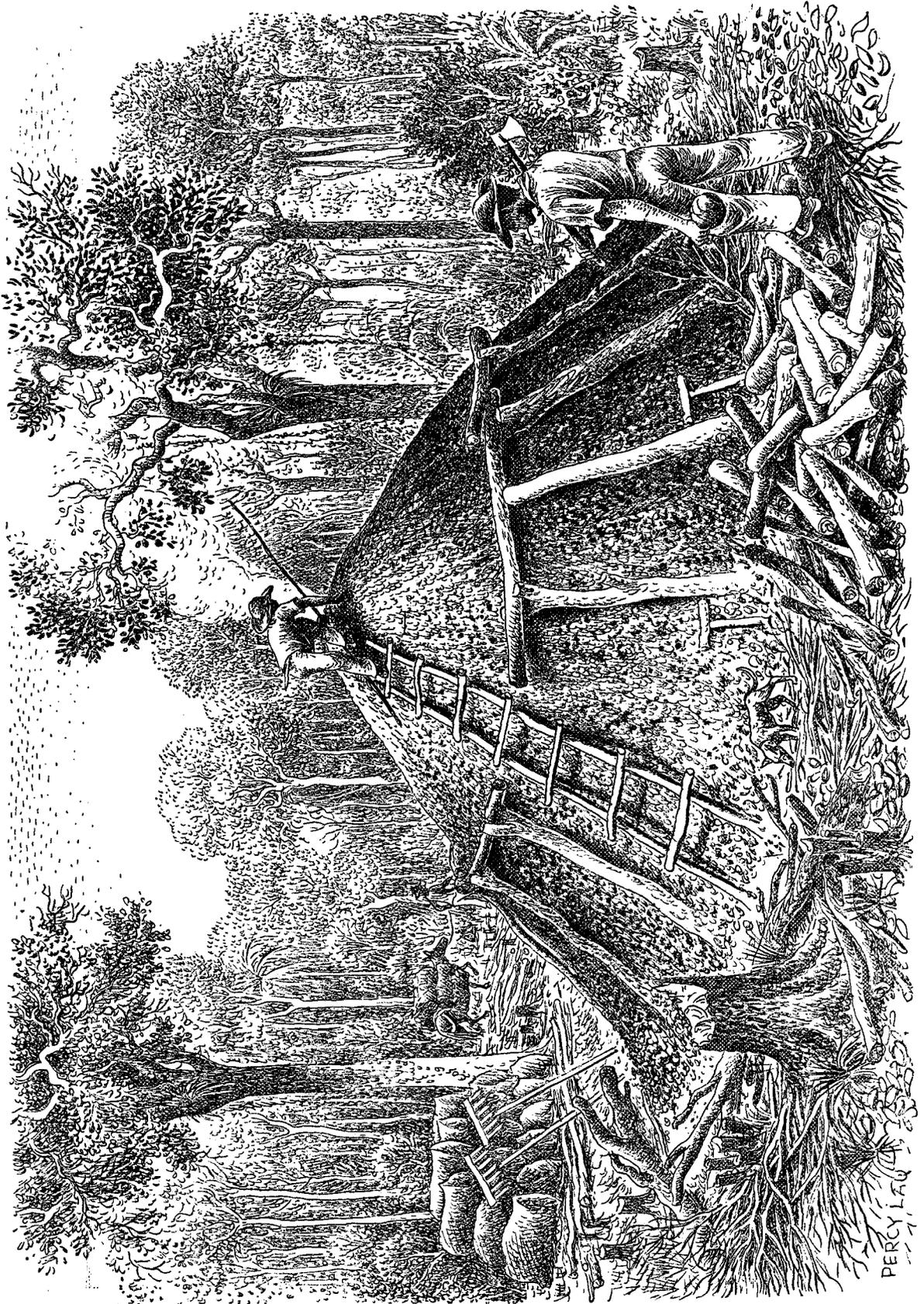
Um bom carvoeiro produz cêrca de 80 sacos de carvão por mês.

O carvoeiro vive sempre no mato, em grande isolamento, morando em tôscas palhoças de pau a pique ou de palmito, cobertas de sapé, sem nenhum conforto e higiene. Alguns deles, quando o dono da terra permite, tem suas pequenas plantações e criações. Mas, o mais comum é nada plantarem, adquirindo tudo na cidade mais próxima.

Muitas vèzes, ao pé do pobre casebre depara-se uma "carvoeira" minúscula, fumegante. É o brinquedo dos filhos do carvoeiro.

A produção do carvão vegetal, o qual se apresenta como combustível barato e indispensável entre nós, pesa, no entanto, enormemente sobre a nossa riqueza florestal, acarretando a destruição sistemática das matas e capoeiras, com tôdas as conseqüências daninhas decorrentes do intenso desflorestamento.

ELZA COELHO DE SOUZA



PERCY L. L.